



VISTA DESDE A SERRA: EXPERIÊNCIAS EM TERRITÓRIO E PERCEPÇÃO DA PAISAGEM EM ARTES VISUAIS

VIEW AT THE HILL: EXPERIENCES IN TERRITORY AND LANDSCAPE PERCEPTION IN VISUAL ARTS

Clara de Carvalho Vazelesk Ribeiro¹

Professora da rede municipal de ensino de Pirai - RJ

RESUMO

Este artigo faz parte de uma pesquisa em a/r/tografia. Utilizando de práticas com diversas linguagens visuais, exploramos o olhar dos participantes, uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, localizada na Serra das Araras (Município de Pirai - RJ). A partir das percepções do grupo de estudantes, o presente trabalho revela um relato de experiência nutrido por reflexões acerca das vivências pedagógicas propostas e oferecidas no ano letivo de 2023. Valorizando percursos e temáticas voltadas para o meio ambiente, relações inéditas de pertencimento junto aos arredores da região escolar em causa foram oportunizadas. A categoria de território e o conceito de paisagem, em diálogo fértil com a Geografia Cultural, também possuem papel relevante neste estudo, em especial **no desfazimento da divisão entre ser humano e natureza, que buscamos explorar.**

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Artes Visuais. Território. Paisagem.

ABSTRACT

This article is part of a research project on a/r/tography. Using practices with different visual languages, we explored the gaze of the participants, a 9th grade class from a public school located in Serra das Araras (Pirai - RJ). Based on the perceptions of this group of students, this paper reveals an experience report nourished by reflections on the pedagogical experiences proposed and offered in the 2023 school year. Valuing paths and themes focused on the environment, unprecedented relationships of belonging were created in the surroundings of the school region in question. The category of territory and the concept of landscape, in a fertile dialog with Cultural Geography, also play an important role in this study, especially in breaking down the division between human beings and nature, which we sought to explore.

¹ Possui Pós-graduação no Curso Saberes Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Bacharela em Pintura na UFRJ e Licenciada em Educação Artística /Artes Plásticas pela mesma instituição. Professora na Rede municipal de educação de Pirai – RJ. E-mail: claravribeiro@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8554422448689029> Rio de Janeiro, Brasil.



KEYWORDS

Teaching of Visual Arts. Territory. Landscape.



Partida

“(...) a paisagem parece traduzir para nós uma relação estreita e privilegiada com o mundo...” – Anne Cauquelin (2007, p.28)



Imagem 1. Serra das Araras. Pintura em acrílica sobre madeira, 37x45cm, 2023.

Uma elevação, um morro coberto apenas por capim se contrasta com uma grande ferida central, terra aberta em erosão. Acima, terras abandonadas ao vento, à água, ao Sol, que desgastam e criam uma superfície limitada em possibilidades. No primeiro plano, as plantas sustentam a outra parte do cenário - numa outra área de cor, demonstram movimento, vida ou variações - um campo em que se poderia adentrar.

A visão se origina do percurso percorrido pelos residentes da Serra das Araras, estudantes da escola no bairro Caiçara, no município de Piraí, e quaisquer outros rodoviários que passem pela via Presidente Dutra. Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e o último ano escolar da instituição, majoritariamente estudaram e viveram lá toda sua vida, e prestes a partir - para outra escola, bairro ou cidade foram os participantes deste percurso. Os encontros relatados neste artigo



buscaram trazer aos alunos experiências artísticas que desenvolvessem as ideias e expectativas em relação a este território, nos aproximando do ambiente ao redor, repensando as visões do cotidiano que passam despercebidas e testando pequenas intervenções ou modos de ocupar o espaço. Refletir sobre a história local, ter um olhar crítico, explorar diferentes linguagens visuais em conexão com categorias de pensamento da Geografia Culturalⁱ também foram objetivos almejados.

Deste modo, o artigo também se coloca mais abertamente a um campo de análise sensível às desfronteiras entre arte, geografia, e outras fontes de saber, envolvendo *natureza, território, lugar, espaço, paisagem*, dentro da área do Ensino da Arte. devemos atentar de que “(...) *a compreensão da paisagem hoje, está diretamente relacionada à preocupação ecológica com o ambiente*” (QUEM, 2001), pensamento que também converge e nos remete às reflexões e ideias de Bruno Latour:

“(...) o antigo papel da ‘natureza’ se encontra completamente redefinido. O Antropoceno direciona nossa atenção para muito mais do que uma reconciliação entre natureza e sociedade em um sistema maior que seria unificado por uma ou por outra.” (LATOUR, 2020, p.194)

Tendo em vista a vasta destruição que nosso modelo de produção proporciona, mesmo que atingindo a todos de formas desiguais, buscar meios de conexão com o ambiente ao redor e sensibilizar-se para as questões ambientais, compreendendo-se parte da natureza, é de extrema necessidade. Neste sentido, o presente trabalho também se preocupa com a “*humanidade que pensamos ser*”, como nos alerta Ailton Krenak, pensador contemporâneo, escritor e ativista da etnia krenak, que diz: “(...) *a compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar um alarme nas nossas cabeças.*” (KRENAK, 2020).

Para encontrar lugares

“(...) *A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo.*” Yu-Fu Tuan (1980, p.28)

Iniciamos com o conceito de território emprestado do campo da Geografia para pensar espaços. Como afirma o geógrafo brasileiro Milton Santos, mundialmente



reconhecido por pensar as desigualdades nos territórios no contexto da globalização: “O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem.” (SANTOS, 2012). Aqui, a ideia é precisamente estimular a reflexão acerca desses usos, além de outros olhares possíveis, que possam inspirar, de alguma forma, interesses pedagógicos convergentes ou iniciativas aproximadas no exercício de envolver a *natureza* na agenda e no terreno educacional em arte.

Outro autor do mesmo campo nos traz a “topofilia”. Yu-Fu Tuan (1980), nos informa diversos tipos de conexão entre ser humano e ambiente, nas tradições europeias, chinesas, estadunidenses, através da poesia e pintura. Segundo o geógrafo-cultural sino-americano nos apresenta, “*Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico*” (1980, p.107). Assim, a apreciação estética ocorre tanto repentinamente, de forma mais ou menos arrebatadora, mas persistentemente, este apreço ao lugar ocorre quando este se torna símbolo, através de conexões afetivas, vivências significativas. Estas, tanto positivas quanto negativas, geralmente rodeiam o grau de afastamento ou controle do ser humano, que tem em mente ideias de uma natureza ameaçadora, sombria ou selvagem, que pode ser um jardim ou campo, produtivo e receptivo, ou ainda um local de acolhimento, idealizado enquanto representante de virtudes que não estão presentes nas aglomerações e construções humanas.

Em sentido semelhante, utilizamos o conceito de paisagem, o entendimento de sua invenção enquanto gênero e modo de nos entendermos no mundo (CAUQUELIN, 2007). Paisagem então seria esta imagem que nos transporta além dos limites do humano: “Trata-se simplesmente de uma questão de definir, de delimitar um fragmento com valência de totalidade, sabendo que só o fragmento dará conta do que é implicitamente visado: a natureza em seu conjunto.” (CAUQUELIN, 2007, p. 138). Toda a natureza, este conjunto do que sempre esteve lá, que nos precede.

Estas divisões, entre paisagem e sujeito impedem a percepção do todo e estabelecem uma hierarquia nas relações entre ambos. Nas proposições aqui apresentadas, considerar tanto dos aspectos sociais e naturais (ou construídos) é



um sentido importante. Nas culturas-natureza, nas quais não há este tipo de hierarquização, se vislumbra o mundo de modo mais semelhante a um fluxo, com os outros seres tão pertencentes e participantes quanto nós (LATOUR, 1994). Ailton Krenak aborda os efeitos da distinção entre essas formas de compreensão do mundo de forma inequívoca:

“o impacto que nós humanos causamos neste organismo vivo que é a Terra que em algumas culturas continua sendo reconhecida como nossa mãe (...) não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente, que dá sentido à nossa existência.” (KRENAK, 2019, p. 22)

Para trabalhar essas questões com os alunos, nas aulas de artes visuais, foram selecionados alguns pontos de interesse possíveis a serem explorados no território, desde ruínas abandonadas próximas à rodovia, o lago Caiçara, o Monumento rodoviário, o pátio da escola e a praça em frente a esta. Assim como os artistas que nos guiaram no que seria o percurso final: Anna Bella Geiger, Ana Bia Silva, Félix-Émile Taunay, Raul Leal, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco. Todos buscam relações entre território, pertencimento, formas de ver o mundo e relações de poder que envolvem os modos de vida na Terra. Tendo em mente que cada experiência seria única, irreplicável e buscando abarcar as compreensões diferentes dos participantes, o *“saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.”* (BONDÍA, 2002, p.27). Buscamos ter estas singularidades respeitadas e assimiladas na condução das proposições deste trabalho.

Uma jornada A/r/tográfica

“(...) viver a vida de um artista que também é pesquisador e professor é viver uma vida consciente.” – Rita Irwin

A a/r/tografia foi a metodologia utilizada no trabalho pedagógico realizado. Desenvolvida por Rita Irwin entre outros artistas/pesquisadores/professores, o método busca convergências entre os múltiplos sentidos e direções desses três



caminhos que envolvem o A de Artist, o R de Researcher, o T de Teacher e Graph de grafia. Na presente pesquisa, estão envolvidas reflexões enquanto pesquisadora, docente e artista.



Imagem 2. Lindinha & Foice. Intervenção (Lambe-lambe), 2023.

Acima, encontramos exemplos de duas proposições que reverberaram nas práticas e reflexões aqui relatadas. Enquanto a proposição do lambe-lambe, realizada em 2023 na disciplina Sensibilidades Críticas, do curso Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, a “morte ao latifúndio” com a amada personagem de desenhos animados. Para além do caráter passageiro da técnica, a ação irrompe a interação com território além dos vários deslocamentos presentes entre imagem, escrita e o local da ação em si. Em “Serra das Araras” estão condensadas relações com o material, o cotidiano, a pintura em si e, principalmente, a interdependência de seres e lugares.

Os processos de construção de pensamento e das produções visuais não são exatos. Os ‘achados’ entre fazer, as conversas e questionamentos durante e após a produção podem descobrir sentidos que não estavam previstos, afinal “explorar ideias, questões e temas artisticamente origina maneiras de produzir significado, pessoal e coletivamente” (DIAS; IRWIN, 2023, p. 27).



No percurso sugerido, proposto para uma turma de 9º ano constituída de 15 alunos no âmbito da realidade a/r/tografada, foram planejados sete encontros no tempo de nossas aulas semanais, no fim do primeiro semestre de 2023. No primeiro encontro dessas formulações/ situações pedagógicas, houve abertura para uma conversa inicial a partir das imagens produzidas pelos estudantes. Em seguida, oportunizou-se trabalhar com interpretações do espaço a partir de métodos cartográficos utilizados pelas artistas Anna Bella Geiger e Ana Bia Silva. Posteriormente, saindo da sala de aula e buscando-se percepções renovadas ao ar livre, teríamos uma experiência na praça em frente à escola, observando e pintando no local, a partir dos trabalhos de Félix-Émile Taunay e Raul Leal. Faríamos ainda lambes a partir dos trabalhos de Denilson Baniwa com nosso percurso culminando na visita ao Monumento Rodoviário, ponto próximo à escola na Rodovia Presidente Dutra, promovendo uma intervenção também baseada nos trabalhos do artista vencedor do Prêmio Pipa de 2019. No último encontro previsto, conversamos sobre as experiências anteriores e pensaríamos novas formas de imaginar os espaços percorridos. Nesta longa caminhada, a importância de se buscar perceber melhor também a relação entre o mundo contemporâneo e a paisagem:

“(...) A concepção de meio ambiente é uma ideologia constituinte da organização socioespacial contemporânea. (...) A expressão positiva das paisagens contemporâneas nos remete a natureza domesticada. Mesmo quando conservadas ‘selvagens’, são controladas, monitoradas, relacionadas à complexidade de um mundo que não tem mais qualquer relação com as paisagens regionais do início do século. Por isso, a paisagem contemporânea é uma concepção híbrida...” (LUCHAIARI, p. 21. 2001).

Caminho Comum

Nosso percurso começa em imagens produzidas em uma rota extremamente corriqueira: a travessia entre casa e escola. A cada estudante foi pedido que tirasse uma foto ou fizesse um desenho de algo que os chamasse atenção. Um momento de seleção e suspensão da rotina, para compreender melhor de onde partem internamente os habitantes daquele lugar.



Uma aluna mostra as fotos e diz “*Acho [aqui] bonito, não é só mato*”. Durante essa conversa, houve menção a histórias da Serra, na forma incerta das histórias contadas e recontadas oralmente - a tromba d’água de 1967ⁱⁱ, o som de pessoas mortas no resgate da enchente, correntes de escravizados, assombrações na serra e no monumento, à noite.

Ao fim desses relatos, fizemos uma rápida pesquisa via Instagram, procurando por fotos da Serra. O encanto manifestado nas postagens é identificado pelos alunos como afetação: “Ai, estou no mato!! Meu Deus!!”, “Uau, o açude!!!” foram algumas das frases “ditas” pelos turistas na voz e interpretação dos estudantes.

A diferença nas representações entre turistas e moradores, para a maioria dos alunos, se resume em uma das falas: “se morassem aqui, não achariam isso tudo”. Em Topofilia, Yu-Fu Tuan (1980), identifica a atitude do turista como mais próxima da construção de uma imagem pessoal do que a vivência do local em si. No caso desses estudantes, enquanto moradores, há oscilação entre as memórias afetivas e a compreensão utilitarista, expressa inclusive na fala de quem aprecia esteticamente o cenário.

Neste exercício buscamos de fato construir a paisagem - esta criada por uma tradição e identificada com certos valores (CAUQUELIN, 2007). Observar o território, seja a natureza e as concepções tradicionais (o belo, o idílico, o selvagem e o ameaçador, com a possibilidade de intempéries e eventos naturais catastróficos). Trazer, reavivar memória afetiva para que se possa apreciar, pensar, vivenciar de outros modos.

Traduzir o espaço

No encontro seguinte, buscando entender melhor a configuração do território, os mapas seriam nossos pontos de partida e alguns trabalhos de Anna Bella Geiger e Ana Bia Silva seriam usados para referência e reflexão. Ambas as artistas estabelecem conexões entre imagens cartográficas, seus processos e relações a



partir destes. Foram utilizadas “Equações Variáveis” (1978) e a obra “É preciso escoar”(2020), Ana Bia Silva conduz a construção de um mapa colaborativoⁱⁱⁱ.

Após observarmos mapas da nossa localidade, a proposta prática envolvia utilizar as formas dos mapas impressos da cidade, do estado, do país, da estrada à qual margeamos e mesmo o brasão da cidade, para suas criações em folhas de papel de caderno, sobrepondo o contorno das impressões, buscando relacionar as linhas dos mapas, locais significativos, relações entre os lugares que se sentissem pertencentes, e seus significados. Alguns alunos coletariam as histórias mencionadas na aula anterior com os colegas e colocá-las em nosso próprio mapa no Google Earth, como em “É preciso escoar”.

A atividade foi encarada com bastante dúvida: sobre como relacionar mapas entre si e mesmo na compreensão dos mapas, seus fragmentos ou símbolos. Não foram compreendidos com facilidade as representações da cidade e para alguns alunos mesmo o mapa do Brasil não era tão familiar. Ainda assim, alguns percursos e comparações foram produzidas.

Uma estudante elaborou um mapa afetivo das mudanças de casa que havia vivido nos últimos anos, até chegar na casa atual. Cada parada contém elementos correspondentes ao que foi vivido e ficou marcado na relação com estes lugares.

Outro exemplo retorna à questão previamente mencionada sobre as vivências e expectativas de moradores e visitantes da cidade. Para duas alunas, o município é “Um lugar muito pequeno para muita pessoa” enquanto isso, para os turistas, Piraí é “Um lugar legal, cultural e chique”. Os “buracos” do município, na fala delas, são invisíveis para quem é de fora - e, afinal, tem toda a relação com as grandes terras delimitadas ao redor. Experiências absolutamente contrastantes de pertencimentos distintos.

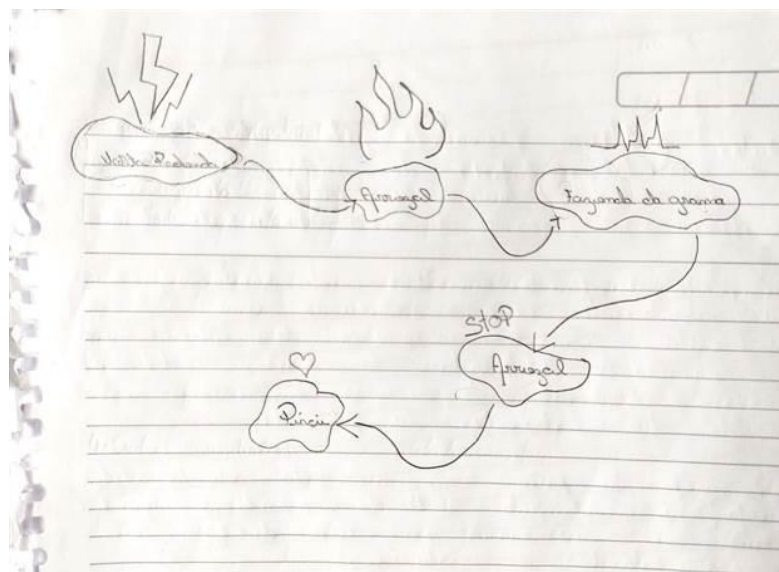


Imagem 3. Mapa Afetivo - Produção de estudante, 2023.

Na construção do mapa coletivo em ferramenta digital, partindo das histórias e fotos teve diversos contratemplos, conseguimos apenas inserir alguns pontos, como uma das histórias contadas por moradores mais antigos.

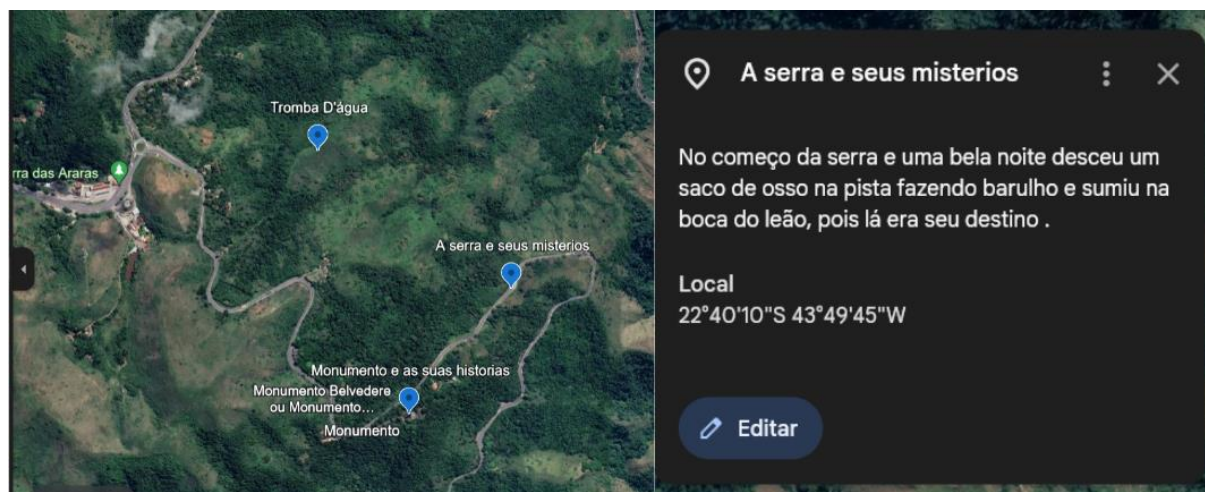


Imagem 4. Mapa Coletivo - captura de tela produção de estudante, 2023.

Neste encontro foi possível observar um pouco da impossível separação entre sujeito e paisagem, a vida que se desenrola independentemente de planejamentos



na natureza e o que não pode ser exatamente definido como um ou outro (LATOUR, 1994). Tudo que registramos nos mapas nos revela que uma ação humana estaria intrinsecamente conectada a tudo que fosse além de seu “domínio” técnico. Dessa forma, podemos nos atentar para as vantagens de se adotar um olhar ativado por uma pedagogia simétrica, envolvendo o binômio *naturezas-culturas* (LATOUR, p. 102. 1994).

“(...) a própria noção de cultura é um artefato criado por nosso afastamento da natureza. Ora, não existem nem culturas – diferentes ou universais – nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais consistem a única base possível para comparações.” (LATOUR, p. 102. 1994).

Matéria e contemplação



Imagem 5. Vista de um Mato virgem que se está reduzindo a carvão. Félix-Émile Taunay, 1830.
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.



Imagem 6. Pasto e rodovia, bairro caiçara. 2023. Digital, 8x8cm.

Para o encontro seguinte, sairíamos da escola e teríamos nossa atividade na praça em frente a ela - local essencialmente de passagem de moradores e eventual estacionamento. Ainda em sala, conversamos sobre a pintura de 1843 de Félix Émile Taunay e a foto acima, registrada no bairro. Pudemos perceber uma continuidade entre os sentidos da pintura e da foto, com quase 200 anos de distância. A persistência dos processos de dominação e destruição da terra, dos seres vivos e dos modos de vida que não se enquadram no destino monocultural imposto desde a colonização: “Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.” (Krenak, 2019, p. 8).

Comparamos esse modo de leitura da paisagem da pintura acadêmica com o trabalho de Raul Leal. Em nosso próprio tempo ele nos mostra um olhar muito particular da paisagem fluminense, desvelando os detalhes e formas de vida que as monoculturas não (se) permitem ver.



Imagem 7 - Folhas em café. Pintura de estudante. 2023. 21x29,7cm.

A proposição do dia envolvia o uso de café como tinta, afinal o pigmento remete a toda a história de devastação e escravização que determinou em larga medida a região do Vale do Café. A pintura a ser feita em sobre papel deveria surgir o encontro com algum dos muitos seres que nos rodeavam e que ainda não haviam sido observados atentamente.

A experiência de permanecer, contemplar, observar e interagir com um local de passagem foi nova para a maioria deles. Houve uma primeira observação, escolha de lugares e diversas observações sobre as formas que estavam sendo experimentadas, e a técnica em especial, lhes pareceu muito inusitada.

Semear o espaço

Nos preparando para a última etapa de nosso trajeto, observamos trabalhos artísticos que trazem as questões ambientais e territoriais sob outra perspectiva.



Algumas obras de Denilson Baniwa e Gustavo Caboco foram utilizadas para ampliar as reflexões acerca do pertencimento ao território e outras possibilidades de vida. Não apenas o estado (e país) em que estamos é por direito Terra Indígena, mas o próprio modo de vida tradicional dos povos nativos protege nossa existência.

Neste momento, os estudantes fariam comentários - visuais ou também escritos - sobre o lugar em que viviam, fossem essas percepções positivas ou não. Alguns inseriram definições de natureza, reflexões sobre a importância não só da existência e sobrevivência (“A destruição afeta a vida de todos”) dos seres não humanos, mas também de sua beleza (“Cada flor com seu jeito de ser e todas convivendo em harmonia na natureza. Temos muito mesmo a aprender”). Um dos estudantes fez duas versões de lambe, que contam bastante das ideias em circulação naqueles dias. O tucano com grafismos, cuidadosamente elaborado e as casas que brotam dentro de uma planta, podem nos mostrar os esforços e as vivências de estar junto às outras formas de vida e enxergá-las como parte de nós também - “A presença dos outros seres não apenas se soma a paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo” (KRENAK, 2022, p. 103). A instalação dos lambes ocorreu em frente à própria janela da sala do 9º ano, reafirmando seu pertencimento nessa presença cotidiana.



Imagem 8. Tucano e Casa Planta, lambe-lambe, 2023.



Entranhas, amplitudes, desvio



Imagem 9. Entranhas do Monumento Rodoviário Belvedere/Farol da Serra, 2023. Digital, 7 x 9,5 cm.

O Monumento Rodoviário da Via Dutra, uma imensa torre em Art Déco, importante marco no território, celebra a vitória da expansão das estradas para conexão das várias partes do país e todo o “progresso” que vem com ele. Hoje, mesmo abandonado, ainda é frequentemente visitado por turistas e por inúmeros pixadores. No centro do antigo restaurante do monumento se encontravam quatro painéis de Cândido Portinari, homenageando os trabalhadores da construção e os infindáveis morros que os rodeavam. As pinturas, intituladas “Construção de Rodovia I, II, III e IV”: Uma grande veneração aos motores, máquinas e técnica em forma de ponto turístico e pintura.

Hoje, ainda resta uma sequência de painéis em baixo relevo de Albert Freyhoffer (escultor francês radicado no Brasil no início século XX). Neles podemos ver ainda mais a marca do avanço técnico: a sequência de imagens nos mostra uma “evolução” do transporte. Em uma das imagens, povos nativos - simplesmente andando em grupo por uma floresta, uma mulher da nobreza sendo carregada em uma liteira por homens escravizados, carros de boi, entre outros locomotores e, por fim, um casal em um gigantesco automóvel.



No dia da visita, o aluno que reside na casa mais próxima ao monumento comentou que nunca havia estado lá, mesmo vendo o monumento todos os dias. As descobertas eram feitas por todos nós a todo instante. Desde o início, muitos registros foram feitos - entre selfies posadas, fotos tiradas de surpresa ou imagens do horizonte pleno de montanhas.

Comentamos brevemente sobre a história e motivações da construção do edifício, reunidos no interior da torre. Foi demonstrada a técnica a ser usada em nossa prática: uma projeção a partir de desenhos em acetato com o uso de uma lanterna, como possibilidade de intervenção sem rastros físicos^{iv}. Como indicação da atividade, que as escritas ou desenhos a serem projetados deveriam buscar diálogo entre os pensamentos, sentimentos e considerações em geral dos alunos sobre o local e suas vivências.

Ao fim deste momento de organização, no entanto, sentimos a necessidade de conhecer um pouco melhor o espaço interno, e em alguns minutos voltaríamos para realizar nossa ação. A vontade de descobrir todos os pontos daquele local foi maior que o cronograma previsto. Alunas encontraram a cozinha, um estoque subterrâneo, uma sala com alguns morcegos e subimos a um mezanino onde nos deparamos com o início da escada, que nos levaria até o topo da torre. Precisávamos ter toda a experiência que o monumento pudesse nos proporcionar. Afinal, no topo, a paisagem com alagamentos, desgastes e vários trechos de floresta se perdendo no horizonte simplesmente deslumbrou a todos.

Após a subida, percebemos que já era a hora de descer e partir rumo à escola. Este último ponto do percurso leva os alunos a produzir as imagens de forma similar aos turistas que foram por eles criticados no início - com todo o encanto e maravilhamento de quem encontra algo novo e surpreendente.

Ainda que nossa intervenção não tenha ocorrido, o interesse dos estudantes era notável e nitidamente estavam tendo um (re)encontro com seu território com um novo olhar e tendo acesso a um patrimônio que fala muito da história local. O que foi previsto não pôde acontecer em sua totalidade, afinal era necessário antes estar lá por completo. Nas palavras de Bondía (2002) “(...)posto que não se pode antecipar o



resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”.

No fim do ano letivo, vários alunos apontaram a visita ao Monumento como um dos melhores momentos do ano, outros a própria visita à praça, foram descritos por um dos alunos como “momentos de liberdade e reflexão.” Finalizando nossa interação com elementos de vidas locais, num breve último encontro, tivemos a grata participação de uma das funcionárias da escola, que produz diversos tipos de tecelagem com uso da fibra de bananeira, típica da Serra. Ela mostrou sua produção, que está presente no centro de artesanato do município e demonstrou o processos de extração da fibra e da tecelagem de alguns de seus trabalhos, revelando mais atravessamentos entre o que nos rodeia, o cotidiano e as formas de vida daquele lugar, em seus vários sentidos.

Conclusões

A partir deste percurso foi possível levar os estudantes a refletir sobre o território que constituem e experimentar outras formas de entendê-lo e estar nele. Experimentamos práticas e estabelecemos conexões com outros modos de compreender o mundo e habitá-lo. Reavivamos memórias afetivas e buscamos conexões que, espero, tenham agregado sentido à vida cotidiana dos estudantes, não apenas em sala. Foi interessante e transformador a possibilidade de olhar para o banal que tanto incomoda, entender melhor a visão dos estudantes, ver e conhecer novas histórias sobre o local, e nesta confluência de saberes, sair do ritmo regular de entrada e saída da sala de aula. Neste entrelaçamento de visões, interações e trocas, ressignificamos de muitas maneiras nossos olhares, vivificando nossa relação entre arte e natureza.

Algumas das ações demandariam maior tempo para execução ou mesmo outros métodos, e também teria sido de grande valia estabelecer parcerias com



professores de outras disciplinas, em especial Geografia, o que também não foi possível. Pouco após a finalização deste percurso, iniciam-se maiores mudanças no território: a duplicação de uma das pistas da rodovia, após anos de planejamento, iria acontecer, e diversas famílias da descida da Serra já eram removidas. Ainda assim, as vidas que constituem o território seguem interligadas e ativas, buscando outras formas de existir, para além das definições usuais.



Imagem 10. Pincel de estudante. Na pintura, vemos um pequeno buquê presenteado a mim por uma aluna dos anos iniciais, da escola do presente estudo. Uma das flores (de um quase vermelho vibrante) chama-se popularmente pincel de estudante. Acrílica sobre tela, 30 x 50 cm, 2023.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. 2. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2023

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007



KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Onde estou? Lições do confinamento para uso dos terrestres**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia – oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22ª ed. -. Rio de Janeiro: Record, 2012

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 1980

Notas

ⁱO campo da Geografia Cultural busca compreender como simbolicamente se produzem compreensões distintas de vida a partir das diferentes paisagens, a partir da interação entre humanos e natureza, utilizando de conceitos como território, espaço, territorialidade, lugar.

ⁱⁱA tromba d'água, mencionada por alguns alunos, foi um evento climático catastrófico, ocorrido em meados de janeiro de 1967. É uma das calamidades de origem natural com maior número de mortos na história recente do Brasil, as estimativas variam entre 1000 e 1700 mortos, entre moradores dos bairros Caiçara, Serra, Cacaria e cidades vizinhas.

ⁱⁱⁱEm "Equações Variáveis" (1978), temos diversos códigos em jogo: as linhas de uma folha de caderno, a frotagem dos "relevos" de mapas políticos, os símbolos matemáticos. Na obra "É preciso escoar" (2020), Ana Bia Silva conduz a construção de um mapa colaborativo - utilizando via Google Earth relatos sobre experiências vividas em diversos rios, suas transformações e problemáticas socioambientais.

^{iv}A alternativa para uma intervenção sem rastros se originou de outra obra de Denilson Baniwa, a intervenção Brasil Terra Indígena (2020, videomapping). Nela o artista projeta em laser grafismos e imagens dos seres da floresta presentes em outros de seus trabalhos, no emblemático Monumento às Bandeiras (1953) escultura pública gigantesca, idealizada pelo modernista Victor Brecheret, de modo a sobrepor novos sentidos e confrontar a ideia central de dominação presente no monumento. De modo semelhante, poderíamos ter as ideias e expressões visuais de quem de fato habita a Serra, em seu mais famoso ponto. Para executar essa ação, a técnica foi adaptada da experiência de "Bazuca Poética", o projetor de poemas feito pelo Coletivo Transverso.